



OPINIÃO

A luta do CISO para elevar a performance e a segurança de seus modelos de IA

Nenhuma tecnologia tradicional tornou-se tão crítica para o sucesso dos modelos de IA como os controladores de entrega de aplicação (ADCs).

Soluções que garantem a melhor UX por meio da distribuição segura e com alta performance de carga entre diferentes sites e ambientes, os ADCs passam a ocupar um lugar privilegiado nos orçamentos dos CISOs de 2026. Cada transação, cada login, cada experiência digital que importa passa por esse componente. A IA eleva ainda mais a responsabilidade do ADC.

Segundo o IDC, os gastos das empresas com a IA terão, até 2030, um impacto econômico acumulado de US\$ 19,9 trilhões. Como resultado, o PIB global em 2030 deverá ser 3,5% maior. A complexidade da IA – a mais moderna das aplicações modernas, totalmente baseada em APIs – exige o ADC para gerar um crescimento econômico como este. É por isso que, em uma pesquisa publicada em junho de 2026, o Gartner prevê que, até 2029, mais de 30% das grandes empresas e provedores de serviços em todo o mundo atualizarão sua infraestrutura de ADC para atender aos requisitos de soberania de dados e IA.

Preço da estrutura computacional de IA não é o único fator estratégico

Por trás da previsão do Gartner há vários indícios. Organizações que estão desenvolvendo sólidos recursos de IA estão descobrindo que seus dados mais valiosos não podem simplesmente fluir para onde a estrutura computacional for mais barata.

Regulamentações de soberania, obrigações de privacidade de dados e o custo elevado de transferir dados para dentro e fora de nuvens públicas estão levando muitas empresas a construir ambientes on-premises de IA em seus próprios data centers. Um estudo do Barclays do final de 2025 revela que mais de 80% das organizações estão planejando repatriar cargas de trabalho.

Quando a IA volta para casa, tudo de que ela depende vem junto: os pipelines de dados que a alimentam, os pontos finais de inferência que a expõem e os controles de segurança que a protegem. Todo esse tráfego passa pela camada de entrega de aplicação. A camada que sempre determinou o desempenho da aplicação agora determina o desempenho da aplicação de IA.

Gartner lista pontos a ponderar a respeito da entrega e defesa da IA

Os analistas do Gartner listarão pontos que podem ajudar os CISOs a mapearem os desafios de segurança e performance de seus modelos próprios de IA. E onde, conforme o caso, o ADC pode fazer diferença.

Os dados precisam chegar ao modelo de IA com a rapidez necessária. A qualidade dos modelos depende da qualidade dos dados que lhes são forne-

cidos. O Gartner observa que o ADC pode agregar valor ao otimizar a entrega e a ingestão de dados de IA na borda da rede (edge computing), indo além dos limites do data center principal. Ao se concentrar no gerenciamento avançado de tráfego, os ADCs conseguem enfrentar os principais desafios do movimento de dados de IA. A integração com a infraestrutura de IA e tecnologias de suporte, como DPUs, permite que o ADC mostre seu poder de fogo em aplicações de IA rodando em multicloud e WAN.

A infraestrutura computacional da IA está nas mãos de times menos técnicos. O Gartner observa que está acontecendo uma mudança radical nos processos de compras de infraestrutura de IA. Cada vez mais, a responsabilidade pelos investimentos em infraestrutura de IA está se afastando das equipes tradicionais de TI. Em vez disso, equipes dedicadas à IA, muitas vezes subordinadas diretamente ao CEO e ao Board, lideram essas decisões, especialmente em organizações de alta maturidade. Neste contexto, o ADC passa a ser valorizado inclusive por equipes com menor background técnico.

A organização busca proteger seu modelo de IA contra ameaças avançadas. As aplicações de IA enfrentam ameaças para as quais os controles tradicionais nunca foram projetados: injeção de prompts, envenenamento de dados e falsificação de identidade de agentes, entre outras. De acordo com o Gartner, os ADCs podem aprimorar a segurança para a IA agêntica atuando como gateways de IA que impõem barreiras de proteção no perímetro da rede ou na camada de APIs, algo crítico para os modelos de IA.

O fim dos pontos cegos: o papel do ADC

Um fio condutor conecta esses três pontos. O tráfego de IA e as ameaças à IA chegam pela mesma porta de entrada, e os dados que alimentam seus modelos e os ataques direcionados a eles percorrem os mesmos caminhos. Quando a entrega da IA e a segurança da IA residem em plataformas separadas, cada ponto de junção entre elas é um ponto cego, onde falta uma política clara e a latência não é a desejada.

O estudo do Gartner investiga o que acontece quando se adota uma abordagem baseada na convergência entre a entrega da aplicação de IA e sua segurança. Uma única plataforma, abrangendo hardware, software, SaaS, implementações nativas da nuvem e DPUs, oferece suporte às empresas onde quer que as cargas de trabalho de IA sejam executadas. A entrega segura de dados, em escala, em ambientes híbridos é essencial para o sucesso da IA. Os CISOs brasileiros que lutam para elevar a performance e a segurança de seus modelos de IA podem encontrar no novo formato do ADC uma resposta a esses desafios.

(*) Diretor Regional da F5 Brasil.

Hilmar Becker (*)

Incêndios de carros elétricos são quase impossíveis de apagar

Os veículos elétricos oferecem uma série de vantagens: torque instantâneo, economia de combustível e menor impacto ambiental.

Vivaldo José Breternitz (*)

No entanto, há um ponto crítico que preocupa motoristas e autoridades: quando pegam fogo, esses veículos são muito mais perigosos do que os modelos movidos a combustão interna.

Embora os incêndios em elétricos não sejam frequentes, o desafio está na forma como eles se desenvolvem. As baterias de íons de lítio, ao entrarem em combustão, desencadeiam um fenômeno chamado “thermal runaway”, uma reação em cadeia acelerada pelos elementos químicos presentes nas células das baterias. Esse processo torna o combate às chamas extremamente difícil.

Nos últimos anos, com a popularização dos elétricos, diferentes estratégias foram testadas para combater esses incêndios: produtos químicos misturados à água, mantas especiais para abafar o fogo etc. Mas um estudo do Fire Safety Research Institute, organização voltada ao desenvolvimento de técnicas de combate a incêndios, que analisou 18 incêndios provocados com fins experimentais, concluiu que nenhuma dessas inovações supera o método tradicional: grandes quantidades de água lançadas por mangueiras.



Photospirit_CANVA

Ainda assim, o estudo ressalta que essa solução tem seus limites. A água ajuda a controlar as chamas, mas não interrompe o processo de combustão interna da bateria e, ainda pior, pode provocar a ignição de células que ainda não haviam sido afetadas.

O caso do incêndio de um caminhão Tesla ocorrido em 2024, na Califórnia, que consumiu quase 200 mil litros de água e manteve uma rodovia interditada por 15 horas, ilustra bem o dilema. Esse tipo de

abordagem, apesar de custosa e demorada, representa hoje a solução menos ruim diante da complexidade dos incêndios em veículos elétricos.

Com o aumento do número de elétricos em circulação, esse é um problema que deve se tornar cada vez mais comum.

(*) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, é professor, consultor e diretor do Fórum Brasileiro de Internet das Coisas – vjnitzz@gmail.com.

O uso de IA virou critério nas contratações

Durante muito tempo, um currículo de tecnologia se destacava pelo domínio de determinadas ferramentas. Foi assim com o Excel, PowerPoint e Java, por exemplo. Hoje surge um critério novo, mais sutil, mas com peso crescente nos processos seletivos. Trata-se da capacidade de trabalhar em conjunto com a Inteligência Artificial (IA).

LaymanZom_CANVA



De acordo com pesquisa do Stack Overflow, 84% dos desenvolvedores usam IA no trabalho e 51% já recorrem a ela diariamente. Conforme outro levantamento, feito com recrutadores dos Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha, os candidatos com habilidades nessa tecnologia têm entre 8% e 15% a mais de chance de avançar para uma entrevista, principalmente em áreas como Design Gráfico, Suporte Administrativo e Engenharia de Software.

O volume de investimento no setor segue na mesma direção. A Gartner projeta gastos globais com Inteligência Artificial de US\$ 2,52 trilhões em 2026, um salto de 44% frente ao ano anterior. Segundo estimativa da Bridgewater Associates, Microsoft, Amazon, Meta e Alphabet somadas devem aplicar cerca de US\$ 650 bilhões em infraestrutura de IA apenas nesse ano.

De ameaça a competência esperada

Por bastante tempo, o mercado de tecnologia tratou o uso de IA em processos seletivos como algo a ser coibido, criando

barreiras e mecanismos de detecção. Um movimento recente que inverte essa lógica. As empresas passaram a tratar esse uso como parte natural do trabalho. Em vez de tentar descobrir se a pessoa recorreu à IA, agora o foco é na maneira como isso ocorre.

Nesses formatos, quem não utiliza IA dificilmente termina o desafio proposto dentro do tempo estipulado. O objeto de avaliação deixa de ser o código final e vira as decisões tomadas, a forma como a solução foi validada e a capacidade da pessoa de defender o resultado entregue.

Se o teste técnico costumava ser o centro

do processo seletivo, ele agora funciona como uma primeira etapa. O verdadeiro ponto de corte acontece na conversa seguinte, quando o candidato precisa justificar escolhas, discutir alternativas e reagir a mudanças de cenário propostas pelo entrevistador.

Nesse momento, fica claro quem apenas reproduziu uma resposta gerada por IA e quem realmente entendeu o problema. Afinal, a ferramenta pode gerar um código funcional, mas não consegue sustentar esse código diante de uma discussão técnica aprofundada.

O que passou a valer mais na avaliação?

Dominar uma linguagem de programação deixou de ser suficiente. O diferencial está em saber formular boas perguntas para orientar as soluções, além de manter uma leitura crítica sobre o resultado, identificando falhas, riscos e inconsistências antes de aceitar uma resposta como definitiva.

Ganha espaço quem consegue tomar decisões técnicas com autonomia, interpretar resultados e evoluir uma solução a partir do contexto do projeto. Na prática, o discernimento para saber quando e como usar a tecnologia separa um bom profissional de um mediano.

(Fonte: Ariane Abreu é diretora da Total IP).



News @ TI

ricardosouza@netjen.com.br

Nimbi evolui Módulo de Gestão de Fornecedores

A Nimbi, empresa brasileira de tecnologia para procurement, anunciou a evolução de seu Módulo de Gestão de Fornecedores. A nova etapa da solução amplia o acompanhamento das empresas após a homologação, com monitoramento contínuo, alertas automáticos e integração a fontes de dados e parceiros especializados, como Neoway, ICTS e Exato Digital. A atualização responde a uma lacuna recorrente na gestão de terceiros. Em muitas empresas, a análise do fornecedor ainda se concentra no momento do cadastro ou da aprovação inicial. O problema é que documentos vencem, estruturas societárias mudam, indicadores financeiros se alteram e novos eventos podem afetar a capacidade de entrega ao longo do relacionamento comercial.

Interpretação online em Libras em tempo real

A LATAM Airlines Brasil possui parceria com o ICOM, socialtech brasileira líder em serviços de inclusão e comunicação acessível para a comunidade surda, para oferecer atendimento acessível a passageiros surdos em diferentes pontos da jornada, do Contact Center aos aeroportos. Com a solução, um intérprete certificado entra na conversa via videochamada em tempo real, tornando a comunicação mais fluida, ágil e, sobretudo, mais humana. O impacto potencial é expressivo: segundo o Censo Demográfico do IBGE, o Brasil tem aproximadamente 2,3 milhões de pessoas surdas e mais de 10 milhões com algum grau de deficiência auditiva, o que equivale a cerca de 5% da população. É uma das maiores comunidades com deficiência no país, e que, historicamente, encontra barreiras para acessar serviços básicos do dia a dia (https://www.icom.app/).